



João Mendes Coelho\*

## Folie à deux

# Parábola dos Talentos Revisitada

O pai distribuiu o que tinha. Um pedaço de terra, um envelope com dinheiro, um beijo e um abraço a cada um dos três filhos. Armando, o primogénito, recebeu a maior parcela, junto ao mar, em Ponta Garça. Nuno ficou com uma encosta soalheira, na Caloura, onde as vinhas resistiam ao vento, graças aos muros altos, de outros tempos. Alberto, o mais novo, herdou uma grande lavoura no vale das Furnas. “Façam render”, disse-lhes.

O Armando viu potencial no turismo. Fez uns empréstimos consideráveis, construiu casas de arquitetura moderna, com vista para o mar. Durante uns anos, as coisas não lhe correram mal. Os turistas chegavam como formigas, de máquinas fotográficas e dólares em riste. Depois, a pandemia, as guerras, a falta de mão de obra barata e os resorts... As dívidas a crescerem como ervas daninhas. As casas vazias. As contas também. Os bancos, indiferentes, lambuzaram-se como que sobrou.

O Alberto não fez caso da fatia que lhe coube, deixou tudo como estava. A terra ficou esquecida, as pedras acumularam musgo. “Para quê? A terra já não dá! Rendeu uns subsidiositos, mais nada.”, dizia, entre copos de um whisky velho, estupidamente caro. Vendeu, de impulso, aterra, os animais e as máquinas a um “calafão endinheirado”, quando o cinto começou a apertar. Em todo este tempo, o fundo do copo e o depósito do Porsche foram invariavelmente as únicas sementes que nunca se esqueceu de regar.

Já o Nuno trabalhou. Trabalhou muito. Primeiro com as mãos, depois com a cabeça. Cultivou as vinhas, plantou árvores de fruto, estabeleceu contactos comerciais, contratou os melhores funcionários que encontrou, formou-os, inspirou-os com a sua visão e confiou neles. Cultivou-se também a si. Aprendeu gestão agrícola, botânica e enologia e até liderança e marketing. Criou uma marca, depois outra e outra. Vendeu compotas, inovou com flores e com um, agora preciosíssimo,

vinho licoroso. “Com Amor, dos Açores” era o slogan de todos os seus negócios e produtos. Quando o Armando ficou sem nada, foi o Nuno que o acolheu e lhe arranjou trabalho no armazém, na mesma hora. Sem perguntas ou condições.

No dia do funeral do pai, os três juntaram-se à mãe na casa da família, ao fim da tarde. A casa parecia-lhes agora demasiado grande e mais vazia do que nunca. Cheirava a pão fresco, como sempre, e a terra molhada. Depois do jantar, sentaram-se na varanda, como o pai gostava de fazer, enquanto a chuva caía lentamente. O Armando olhava o horizonte escuro, triste. O Alberto, sempre de copo e cigarro na mão, contava histórias de antepassados que não conheceu, “O glorioso ciclo da laranja”, como quem recusa viver o presente, preso a um passado que não lhe pertence. O Nuno, calado. Sempre calado. Parecia ouvir de novo as palavras do pai, “Façam render”, e imaginava o que lhes diria agora se ali estivesse.

A mãe chegou, saída da cozinha, de olhos cansados, limpando as mãos a um pano. Encostou-se ao batente da porta e deixou-se estar, sem dizer nada, enquanto olhava o mar, os filhos e recordava com saudade os serões que ali passara com o marido.

“Todos tivemos o mesmo tempo”, disse o Armando, quebrando o silêncio. “Mas nem todos fizemos o mesmo com ele.”

Foi então que a mãe falou, com a sua voz doce e segura e que, em tantos anos, nunca precisou de levantar para ser ouvida. “O pai costumava dizer que a terra nunca nos falha. E talvez tivesse mesmo razão. Mas o tempo é implacável, rapazes. Ou justo, talvez. Tudo depende de como vivemos e contamos as nossas histórias.”

\* Médico psiquiatra e adictologista

# Lagoa recebe workshop ministrado por Maria João Silveira

O convento de Santo António, na Lagoa, irá receber, no dia 28 de Dezembro, das 17h00 às 19h00, o workshop “Folhas de Milho (Anjos de Natal)”, ministrado por Maria João Silveira.

Artesã certificada pelo Centro de Artesanato e Design dos Açores - CADA, trabalha fibras naturais, sendo que tem preferência pela folha de milho.

Há dez anos que se dedica ao trabalho artesanal, tendo como matéria-prima principal a folha de milho.

As suas bonecas de folha de milho têm-se destacado no artesanato pelo seu lado mais contemporâneo e pela mistura de outros materiais, como o drageiro, a espadana, o vime e os tecidos. Habitualmente, utiliza também o tingimento das folhas.

Este workshop encerra um ciclo de acções formativas que a Câmara Municipal de Lagoa promoveu no âmbito do programa especial de Natal, que está a decorrer até dia 5 de Janeiro, no convento de Santo António.

Para além disso, enquadra-se num projecto que a autarquia iniciou, este ano, «Entrelaçar Fibras Vegetais».

No âmbito desse projecto, está a decorrer uma residência artística, a cargo da artista Sofia de Medeiros junto do artesão Alcídio Andrade (Água de Pau) e da artesã, Lurdes Couto (Ribeira Chã).

Recentemente, foi, igualmente, inaugurada uma obra de arte pública, da autoria do artista Urbano, intitulada «Aos cesteiros de Água de Pau,» como forma de valorizar uma prática artesanal identitária do concelho e enriquecer o roteiro de arte pública no território lagoense.

O projecto «Entrelaçar Fibras Vegetais» visa também a integração no plano curricular da disciplina de educação tecnológica, do 2.º e 3.º ciclos de ensino regular, formações para a comunidade geral, por forma a perpetuar o saber fazer e as técnicas de entrelaçar fibras vegetais, junto dos mais jovens.

Relativamente ao workshop de Folha de Milho terá um custo de 35



euros por formando, estando o material incluído.

As inscrições decorrem até dia 23 de Dezembro.